

Sexualidade e gênero no envelhecimento*

Teresa Creusa de Góes Monteiro Negreiros

Sexualidade e sexo

O que a psicanálise chama de sexualidade não é, em absoluto, idêntica à união sexual entre homem e mulher ou tem o sentido exclusivo de sensações prazerosas através dos órgãos genitais. Como o seu próprio fundador esclarece, tem “muito mais semelhança com Eros, que tudo inclui e tudo preserva ...” (Freud, 1925). Nessa visão, a sexualidade concebida como energia, libido, caracteriza-se por uma capacidade de se ligar a pessoas, objetos, idéias, ideais, à vida, enfim. Inclui a atividade sexual, mas não se resume em sexo.

Sexo vem do latim *secare*, significando seccionar, partir. O que nos remete à fábula do *Banquete* de Platão. De início Deus criara o masculino, o feminino e o andrógino. Este, porém, ficou muito arrogante, pois sentia-se completo, total, esférico. Deus, por isso, cortou-o em dois, para que, contemplando a própria mutilação, moderasse a arrogância. Desde então, cada um procura o seu complemento. E a este desejo dá-se o nome de amor, que tanto se caracteriza pela busca do prazer sexual, como do preenchimento de necessidades emocionais as mais diversas – admiração, companheirismo, amizade e outras tantas identificações com o par. Busca esta que configura a sexualidade, em seu sentido lato.

Logo, sexo não é sexualidade, embora represente uma de suas importantes dimensões e muitas vezes ainda se use, na linguagem corrente, os dois termos como sinônimos. Veja-se o “*faire l’amour*”, no idioma francês, designando o ato sexual genital.

Sexo e gênero

Sexo tampouco é sinônimo de gênero, pois são dois conceitos diferentes, inseridos na literatura científica em épocas distintas e abrangendo aspectos não idênticos da vida humana. Enquanto as diferenças entre os sexos são estabelecidas pelo físico (anteriormente até pela metafísica), as diferenças de gênero são explicadas e entendidas como socialmente construídas.

Segundo Birman (2002), o discurso sobre a diferença sexual no Ocidente somente se firmou no final do século XVIII. Até então, os sexos eram concebidos hierarquicamente, sendo o masculino o regulador e figurado como “perfeito”, desde a Antiguidade. Tal configuração não se limitava ao deleite contemplativo dos sábios, mas tinha também conseqüências relevantes para as práticas das relações sociais entre os sexos.

Após a Revolução Francesa, em nome da igualdade de direitos dos cidadãos, foi se constituindo um novo paradigma no imaginário ocidental, mudando o modelo hierárquico do sexo único. Procurou-se um novo modelo, pautado na leitura naturalista e estritamente biológica – homem e mulher com essências radicalmente diferentes e inconfundíveis. Este modelo ainda tinha a finalidade de justificar a superioridade masculina, pois a partir de aspectos anatômicos e fisiológicos determinavam-se as formas de relacionamento e o espaço social a ser ocupado. Logo, de acordo com Néri (2002), a Revolução Francesa foi o momento histórico em que se desvelou um lugar social para a mulher e apesar das estratégias para restaurar o poder masculino no Iluminismo, que deu uma forma essencialista aos dois sexos, houve um progresso, pois a hierarquia deixou de ser metafísica para ser biológica. Assim, como se constata, a igualdade de direitos não se transformou logo em normas sociais capazes de vigorar e serem internalizadas, legitimando a igualdade de condição entre os dois sexos. Foram necessários dois séculos para que se produzissem conquistas políticas e esclarecimentos científicos mais significativos.

A maioria dessas conquistas originaram-se dos movimentos feministas, no decorrer dos séculos XIX e XX, e foram se plasmando na cultura, aos poucos, levando a mudanças conceituais importantes, na literatura, nas artes, na legislação e nas ciências.

O conceito gênero foi introduzido, no discurso teórico, na década de 1970, através das pesquisas da antropologia. Desde então, diversos autores aprofundaram o tema e atualmente, em Psicologia Social, qualquer estudo sobre diferenças ou semelhanças entre homem e mulher precisa ser evocado sob o prisma de gênero (Strey, 1999).

Em síntese, atualmente podemos considerar gênero a palavra sexo desbiologizada e integrada à rede sociocultural, representando a expressão cultural da diferença sexual. Sendo um produto social, é aprendido, representado,

institucionalizado e transmitido ao longo de gerações, tal como nos explica Sorj (1992).

Envelhecimento

Conforme apreciamos em outros textos (Negreiros, 1999; 2002), o conceito de envelhecimento vem assumindo várias conotações ao longo dos tempos. Desde o ancião respeitável – oriundo dos raros patriarcas com experiência acumulada e valorizada, ao velho – caracterizando tudo o que está gasto e degradado, passando pelo idoso – termo mais respeitoso, significando pleno de idade e destinado, em geral, às camadas mais ricas da população, até a denominada terceira idade – a partir da noção do sistema de produção: a primeira etapa compreendendo a fase de preparação, a segunda de produtividade e a terceira de aposentadoria. Esta última, entendida tanto como ócio, inutilidade, inatividade, como em seu oposto, dando idéia de uma etapa destinada a novas oportunidades e prazeres, a uma segunda vocação, ao descanso e a qualidade do momento de vida presente: uma espécie de “idade do extra”, “idade do lucro”, especialmente para os que têm condições financeiras para desfrutá-la.

Com o significativo aumento da expectativa de vida dos últimos anos, o envelhecimento torna-se crescentemente adiado para uma quarta idade, a partir do que se associa a tradicional imagem de decadência e de perda de capacidades físicas e psicossociais. Portanto, no cenário atual, há uma clara tendência à distinção entre jovens idosos – sexagenários-septuagenários saudáveis e ativos e idosos velhos – octogenários em diante, mais frágeis e dependentes.

Logo, pelo menos para uma determinada camada social, vão deixando de existir pessoas velhas, mas sim senhoras e senhores bem conservados (a semelhança de enlatados) ou indivíduos numa eterna meia-idade (pelo perigo de tornar-se “inteira”...).

A concepção de estar se tornando velho é excluída da própria identidade (condição de ser igual a), diante da internalização dos preconceitos. Velhos são os outros, como nos advertiu Beauvoir (1990). Como se um ponto idealizado de maturidade, atingido em algum momento do ciclo vital, expressando direitos e conquistas do ser adulto, avaliado como independente e capaz de exercer plenamente suas potencialidades pudesse se eternizar.

A própria ciência foi conivente com esses preconceitos, tendo, de início, compreendido o desenvolvimento humano em estágios, quando etapas de infância, adolescência representavam uma curva ascendente para um patamar de apogeu – a fase adulta, a partir da qual haveria um inexorável declínio – a velhice.

Ademais, se folhearmos os clássicos livros de Psicologia, veremos quanto es-

paço vem sendo dedicado à infância, ainda bastante para a adolescência, bem menos para a idade adulta e quase nada ao envelhecimento.

Recentemente é que, com o aumento da expectativa de vida, recaiu sobre o processo de envelhecimento um olhar mais atento e este passou a ser estudado sob a ótica de percurso de vida, em contraposição à antiga visão de ciclo vital.

A perspectiva de curso, por estar ligada à noção de vir a ser e estando, ao invés de ser e estado, implica em mudança e desautoriza a categoria “velhice” em si. Enfatiza a relação de sucessivos grupos geracionais que continuamente envelhecem, numa pluralidade de inscrições culturais e institucionais. E, especialmente, enfatiza diferenças de etnia, classe, gênero, religião, culturas. Ou seja, não concebe um envelhecer único, mas bem diversificado, conforme as normas sociais orientadoras de tais diversificações.

Por sua vez, as mudanças socio-político-econômicas das últimas décadas do final deste século foram muito intensas e aceleradas. Cada homem e mulher foi e continua sendo protagonista, espectador e autor de rupturas e transformações sem precedentes nos costumes e nos estilos de vida. E tais mudanças atingiram cada um, em diferentes gerações. A geração mais velha, por exemplo, experimentou, por um tempo maior, relações de poder e também adquiriu mais noções sobre papéis masculino-feminino calcadas em um modelo tradicional. Neste havia uma nítida fronteira entre a esfera pública – domínio masculino e a privada – domínio feminino. E os estudos psicossociais indicam que as primeiras influências internalizadas, especialmente através do modelo paterno-materno, são as mais arraigadas. Assim, se os mais velhos de hoje experimentaram relações de poder homem-mulher que, no decorrer de suas trajetórias, foram se alterando de uma nítida assimetria relacional, principalmente no tocante à visão da sexualidade e do trabalho, até relações mais próximas e simétricas, eles vêm mais assistindo-as, do que delas participando, propriamente.

Logo, as mudanças dos tempos incidiram em tempos de mudança de cada geração. Isto sem contar com o ritmo particular de cada um para absorvê-las, conforme as peculiaridades de vivências e estimulação diferenciadas de cada homem e cada mulher que perpassaram grupos sociais distintos.

A feminização no envelhecimento e algumas implicações na sexualidade

Segundo o Censo Demográfico de 2000, 55% do contingente populacional brasileiro com mais de 60 anos é composto por mulheres. Entre os de idade superior a 80 anos, essa proporção sobe para 60,1%. Em função de menor mortalidade feminina, constata-se, pois, uma feminização no envelhecimento do segmento idoso. Verifica-se, também, que no envelhecimento reduz-se a proporção de mulheres casadas e há um aumento de viúvas. Na população idosa feminina encontram-se, aproximadamente, 41% viúvas.

Além do mais, embora haja uma grande proporção de idosos vivendo sozinhos, esta tendência é maior entre as mulheres, sendo que este índice aumenta com a idade, atingindo cerca de 18% entre as que têm mais de 75 anos.

A partir destes dados, indagamos: como vem sendo vivida a sexualidade desse contingente feminino solitário?

De início destacamos duas descobertas dos últimos tempos, na área da psicologia, em termos de sexualidade que foram revolucionárias: a sexualidade infantil, com os estudos de Freud, desde o final do século XIX; e a sexualidade em idade avançada, com as pesquisas de William Masters e Virgínia Johnson, em meados do século XX. Estas descobertas destruíram os mitos de infância e de velhice assexuadas, vigentes até então.

Também duas descobertas da medicina trouxeram intensas mudanças nos estilos de vida de homens e mulheres, especificamente no tocante ao ato sexual: a descoberta da pílula anticoncepcional feminina e a de medicamentos para estimular a função erétil masculina. A primeira dissociou prazer de procriação, o que liberou parte da população feminina em atual processo de envelhecimento – as que nos anos 1960 eram jovens e puderam se beneficiar. A segunda, mais recente, assegurou o exercício da sexualidade masculina idosa, já que, desde Masters & Johnson, havia sido constatado não existir limite de tempo para o ato sexual feminino. Este aumento da virilidade masculina, no entanto, não veio trazer compensações para as idosas, pois o privilégio passou a ser desfrutado com as mais novas...

Muito se tem discutido a respeito da preferência masculina – tanto dos mais jovens como dos mais velhos, pelas mulheres mais jovens. As razões apontadas são diversas: desde o cheiro da fêmea em fase de produção hormonal intensa até valor erótico de estimulação estética, ou mesmo o uso emblemático da juventude e beleza que os mais ricos e poderosos fazem, em nome da vaidade. O fato é que a mulher mais velha perde o *status* de objeto de desejo e suas oportunidades de intimidade sexual ficam muito limitadas. Além de sobreviverem mais tempo, são poucas as que têm chance de reconstruir uma vida afetivo-sexual.

Ressalte-se, também, que as idosas de hoje foram educadas num código de sexualidade ainda muito rígido – o que é próprio ou impróprio; o que é natural, agradável, normal, ou ao contrário: danoso, excessivo, insultuoso; aquilo que é passível de admiração, aceitação ou, inversamente, de repulsa, negação. Submeteram-se a padrões de sexualidade claros ou implícitos quanto à regulamentação das relações sexuais indesejáveis – entre camadas sociais, raças ou faixas etárias diferentes. Nestas últimas só era admitido o contato do homem mais velho com mulher mais jovem – esta era a “teúda e manteúda” e muitas vezes tolerada pela esposa que já havia perdido o interesse sexual (ou nunca o tivera, seja pela estimulação inadequada do marido, seja por sua própria repressão sexual), além de pressentir que a outra, embora bela e atraente, seria um objeto facilmente descartável quando a paixão do marido declinasse...

A emancipação oriunda da inserção feminina no mercado de trabalho, as novas descobertas, a explosão tecnológica e de comunicação e tantos outros avanços trouxeram repercussões substanciais nas relações homem-mulher. No entanto, quando focalizamos gênero, sexualidade e geração, é falso dizer que houve substituição de modelos antigos por novos, mas antes que aqueles estão muito presentes e atuantes. Tanto que persiste um duplo padrão para o envelhecimento – os homens mais velhos, menos numerosos, são valorizados por suas conquistas no plano social e econômico, enquanto a mulher mais velha, mesmo tendo ascendido a idênticas condições socioeconômicas, ainda é avaliada pela perda de seus “encantos naturais”, como o brilho de seus olhos, o viço de sua pele, o contorno de seu rosto, a elegância de suas formas...

Numa sociedade que valoriza o jovem e o belo, o corpo feminino que envelhece já não oferece atrativos. Com medo de ser tornar ridícula, para fugir do estigma de “velha assanhada” a idosa adota, em geral, uma postura discreta. Embora algumas mais velhas reivindicuem a inserção num mundo considerado, em sua juventude, exclusivamente masculino, a exemplo das vocações universitárias tardias e profissões exercidas após o cumprimento das tarefas de mãe e esposa, em geral, a sexualidade passa a ser investida em fins socialmente compatíveis com o universo tradicionalmente feminino. Ou seja, a maioria dedica-se à família – auxílio financeiro e apoio doméstico a filhos que necessitam cuidados com netos, doentes ou pessoas ainda mais idosas ou frágeis do núcleo familiar –, atividades religiosas, amizades preservadas ou companheirismo amistoso, no caso daquelas que ainda mantêm um par.

Interessante observar que o poder no relacionamento marido-mulher, cuja fonte era basicamente masculina, às vezes se inverte durante o envelhecimento do casal. Ao se aposentar – voltar para os aposentos – o homem perde a função de provedor, de líder (senão único, principal) da esfera pública. Passa a ficar, então, inseguro diante da mulher, acostumada a múltiplos papéis fora e dentro do lar. Ela é o centro do afeto, do aconchego, dos cuidados. Está apta para a escolha de médicos, medicamentos, escola para netos e tudo o mais que permeia a esfera do íntimo e do privado. Em relação à sexualidade, pois, o idoso ou tende para um retraimento ou para uma exacerbação dos impulsos. No primeiro caso torna-se filho de sua esposa – mãe, numa relação de proteção-obediência assexuada. No segundo, conforme vivera a sexualidade na juventude, procura repeti-la – algo na esfera do indecente, do “sacana”, do aproveitador, para tirar vantagem das mulheres, para usá-las a fim de aliviar tensão. Neste caso, atrelado à noção de pecado, para aliviar a culpa, convence-se de que apenas deixou a esposa “descansar”. Quando, na realidade, as mulheres idosas, nas revelações em consultórios ou em depoimentos de pesquisas (Relatório Kinsey, Hite e demais) expressam, geralmente, desejo de manter relações sexuais mais freqüentemente do que seus maridos. E, as que não conseguem

sublimar seus impulsos, costumam manifestar sofrimento psíquico, sob a forma de variados sintomas, muitas delas procurando psicoterapia nesta etapa da vida. É freqüente que esses sentimentos perturbadores sejam vistos, por elas próprias e por aqueles que a cercam, como um problema a ser resolvido, uma enfermidade a ser medicada.

A esse respeito, Burin (1990) chama a atenção sobre a tranqüilidade receitada, isto é, para a prescrição de tranqüilizantes por parte dos clínicos para mulheres da meia idade ou mais velhas, as quais os consomem em número duas vezes superior aos homens de mesma faixa etária. O uso abusivo dessas substâncias legais, acabam por tornar algumas delas dependentes desses produtos químicos. Esta autora informa que o maior grupo de risco é formado por mulheres que só trabalham em casa, de meia idade, dos grandes centros urbanos.

De qualquer modo, embora a falta de companhia e o sofrimento advindo da solidão seja freqüente, aquelas que se mantêm expostas regularmente à estimulação sexual eficaz, até podem se desinibir e criar mais interesse pelas relações sexuais. Algumas, inclusive, já conseguem enfrentar tabus sobre o relacionamento de mulher mais velha e/ou mais rica com parceiros mais jovens e mais pobres...

Velhos mitos x novos fatos

De acordo com Brink (1983), o complexo edipiano, abolindo tudo o que de sexual possa existir entre o pai e a mãe, colabora para o mito de que sexo, amor e casamento são prerrogativas da juventude. Os mais velhos devem fechar as portas da aventura, do romance, abrindo-as tão somente para a virtude. Nesse caso, o casamento seria uma trajetória ingloria entre a lua-de-mel e o quarto minguante...

Até os dias de hoje, verifica-se uma pressão social, especialmente de filhos e netos para que os seus velhos se mantenham “em seus lugares”, “se enxerguem”, “tenham auto-crítica”.

No entanto, as idosas atualmente estão assumindo papéis não esperados nem pela literatura, nem pelas políticas públicas. Em muitos casos, seus benefícios sociais (aposentadoria, pensão de viúva), constituem-se na única fonte de renda do orçamento familiar. Ajudam filhos, netos e bisnetos. Passam de dependentes a provedoras, o que pode lhes conferir mais confiança em todas as dimensões da vida. Tanto que já se verifica um significativo movimento das mais velhas, nesta geração atual – viagens, lazer, programas culturais, participação política nas comunidades e vizinhanças, universidades de terceira idade e outras atividades na direção do espaço doméstico para o espaço público.

Além do mais, atualmente se reconhece, ao contrário do que se proclamou durante tanto tempo, que a capacidade de fazer sexo não se perde com a idade, apenas diminui lentamente, ao lado de outras capacidades físicas e mentais. Mas, tal

como o declínio cognitivo não é esperável em idosos saudáveis e pode ser de algum modo evitável ou postergável, especialmente, entre outros fatores, se for exercitada a cognição (Negreiros, 2002), a sexualidade em homens e mulheres hígidos não se esgota. A melhor forma de assegurar o funcionamento dos órgãos é deixá-los trabalhar contínua e sistematicamente.

Não há, tampouco, uma data certa para a velhice entrar em cena e varrer os prazeres sensoriais, incluindo o sexual. Há variações individuais significativas. Como nos lembra Fraiman (1994) aqueles que já usufruíram dos prazeres com desinibição, mantiveram constância nas atividades sexuais, enfim, os mais ativos na juventude, continuam mais ativamente interessados ao envelhecer.

Sem dúvida, a história prévia do homem e da mulher é determinante de sua sexualidade ao envelhecer. Se ao longo da vida sentiu vergonha de brincar de sexo, de exercer a criatividade e a espontaneidade no âmbito sexual, a tendência é aumentar a inibição, temer fracassar (no caso masculino) ou não agradar (no feminino). E, ainda, explorar o próprio corpo pode ser uma forma alternativa de satisfação, quando não existe parceria disponível, derrubando-se o mito de que a masturbação é uma atividade infantil e regredida.

Caso, com o correr dos anos, se continue a esperar muito apenas do pênis, da vagina, da penetração e do mítico orgasmo simultâneo, o idoso pode interromper uma vida erótica a prosseguir de forma diferente, mas não menor ou maior. O erotismo do idoso e da criança decorre sem maior influência dos hormônios, praticamente inexistente na velhice e na infância. Ambos não são impelidos pela urgência orgástica, como na sexualidade juvenil e adulta. Mas a vida erótica pode ser muito prazerosa, como em outras etapas, reaprendendo-se a arte das carícias, o brinqueado dos aconchegos e dos contatos corporais, sem criar expectativas para desempenhar as chamadas relações completas, visando o orgasmo como finalidade última. Nem para obter a mesma quantidade de relações da juventude, pois o ciclo erótico, com o avançar da idade, pode até aumentar na duração e profundidade, mas diminui em frequência.

E, assim como sexo foi substituído por gênero, porque o equipamento sexual não dá conta de explicar o pensar, o sentir e o agir humano, também o ato sexual – mesmo ele dependente, no caso humano, mais da mente do que dos hormônios – não esgota a atividade e o prazer erótico, desfrutável em todo o curso da vida.

Muito já se conhece sobre a sexualidade, mas são relativamente recentes as pesquisas sobre este tema em relação aos mais velhos. Algumas novas descobertas, contrapondo-se a velhos mitos estão ainda por vir. A própria longevidade da população – tanto o aumento significativo dos que se encontram em faixa etária superior aos 65 anos, como o número maior de anos que viverão após esta idade, ainda marco do envelhecimento estabelecido pela Organização Mundial de Saúde – contribuirá para estes avanços. À semelhança do feminismo, que ampliou o universo do

gênero feminino, crescerão movimentos em favor dos mais velhos, dos aposentados (como o *gray power*, dos Estados Unidos). E estes engendrarão, cada vez mais, conquistas em muitas direções, incluindo aquelas que dizem respeito aos conceitos prévios (preconceitos) sobre a sexualidade no envelhecimento.

Teresa Creusa de Góes Monteiro Negreiros
Professora da PUC-Rio

Nota

* Parte deste trabalho foi apresentado na Mesa Redonda *Sexualidade no Gênero*, no X Encontro Interdisciplinar sobre o Envelhecimento e o Idoso, realizado em novembro de 2003 e organizado pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense.

Referências bibliográficas

- BEAUVOIR, S. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BIRMAN, J. (org.). *Feminilidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.
- BURIN, M. *El malestar de las mujeres: la tranquilidad recetada*. Buenos Aires: Paidós, 1990.
- BRINK, T. L. *Psicoterapia geriátrica*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- FRAIMAN, A. P. *Sexo e afeto na terceira idade*. São Paulo: Ed. Gente, 1994.
- FREUD, S. Resistências à Psicanálise. *Edição Standard*, 2, 1925.
- NEGREIROS, M.A. Prevenção do declínio cognitivo. In: Negreiros, T.C.G.M (org.) *A nova velhice: uma visão multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.
- NEGREIROS, T.C.G.M. Gênero e Geração- reflexões sobre o contemporâneo processo de envelhecer. In: *Psicologia clínica: pós-graduação e pesquisa*, Rio de Janeiro, 11, 107-116, 1999.
- _____. Quantidade e Qualidade de Vida. In: Negreiros, T.C.G.M (org.) *A nova velhice: uma visão multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.
- NERI, R. O encontro entre a psicanálise e o feminino- singularidade/diferença. In: Birman, J. (org.). *Feminilidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.
- SORJ, B. O feminino na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. In: Costa, A. O. & Bruschini, C. (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- STREY, M. N. Gênero. In: *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1999.

Resumo

Neste texto, primeiramente fazemos uma distinção entre sexualidade e sexo, conforme visão psicanalítica. Distinguimos também os termos sexo e gênero, de acordo com pesquisas em antropologia e psicologia social. Apresentamos, a seguir, a perspectiva de curso de vida – nova tendência para entender o processo de envelhecimento. Ao final, discutimos sobre algumas atuais implicações psicossociais na sexualidade do segmento idoso da população, predominantemente feminino.

Palavras-chave

Sexualidade, sexo, gênero, envelhecimento, preconceito.

Abstract

Sexuality and Gender in aging

In this text, at first we make a distinction between sexuality and sex, according to psychoanalytic vision. Consistent with anthropology and social psychology researchers we also distinguish between the terms sex and gender. Next, we present the perspective of life course, a new tendency to understand the aging process. At the end, we discuss on some current psychosocial implications for the sexuality of the old segment of the population, which is predominantly feminine.

Key-words

Sexuality, sex, gender, aging, prejudice.